

Em defesa da arte e da vida

Miriam Chnaiderman

Resenha de Edson Luiz André de Sousa,
Furos no futuro, psicanálise e utopia, Porto Alegre, Artes&Ecos, 2022.

O livro *Furos no futuro, psicanálise e utopia* chega até mim quando, no seminário “Teoria das Pulsões” do Curso de Psicanálise, que coordeno neste ano, estávamos discutindo “Para além do princípio do prazer”, texto contundente de Freud, de 1920. Ou seja, estava às voltas com a pulsão de morte e suas implicações. A partir da leitura do livro de Edson André de Sousa e da proposta de uma psicanálise que tem como eixo a utopia, fui vasculhar o texto de Freud “Por que a guerra”, de 1932, carta de resposta à pergunta de Einstein. A amargura desse texto sintoniza com os “terroríficos”¹ tempos que vivemos. Transcrevo aqui um impressionante parágrafo dessa carta:

[...] quando os homens são incitados à guerra, neles há toda uma série de motivos a responder afirmativamente, pobres e baixos, alguns abertamente declarados, outros

Miriam Chnaiderman Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, professora do Curso de Psicanálise. Documentarista premiada no Brasil e no exterior. Acaba de filmar *Afirmando a vida*, um vídeo engajado na luta pelas ações afirmativas. Ensaísta tem vários artigos publicados em jornais e revistas do Brasil e do exterior, tendo como tema central a relação entre arte e psicanálise. Publicou os livros *O histó convexo* e *Ensaios de Psicanálise e Semiótica*.

¹ Neologismo muito utilizado na língua oral corrente.

² S. Freud, “Por que a guerra?”, in *Obras completas*, São Paulo, Cia. das Letras, vol. 18, p. 417-435.

silenciados. [...] O prazer na agressão e na destruição é certamente um deles; as inúmeras crueldades que vemos na história e na vida cotidiana confirmam sua existência e sua força [...]. Às vezes temos a impressão, ao saber de atos cruéis acontecidos na história, de que os motivos ideais só teriam servido como pretexto para apetites destrutivos (p. 428)²

Tanto nos jornais cotidianos quanto no texto freudiano podemos ver sanguinolentos momentos de nossa história. E ficamos doloridos, adoentados.

Quando propõe uma psicanálise que se fundamenta na utopia, Sousa não está desconhecendo a amargura presente no texto freudiano e em nosso cotidiano. A publicação desse livro nesse momento é um ato analítico. Intervém no pensamento e na concepção de mundo propondo a criação e a vida. O sonho e a arte são formas de resistência e luta. É preciso a força da utopia para que a amargura não nos consuma... a leveza deve se opor à truculência que nos assola.

Sousa não está simplesmente propondo a já conhecida ideologia do *peace and love*, o que seria bastante ingênuo e ultrapassado. Seu pensamento é rigoroso. Impressionou-me como sua conceituação do que é a utopia está fundamentada na teoria do desejo tal como foi teorizada por Lacan.

No capítulo “Psicanálise e utopia”, no item “Utopia e objeto a”, Sousa assim conceitua o objeto a:

O objeto a vem, assim, introduzir uma desordem, denunciando a falácia do encontro do objeto do desejo. Temos que pensar esse objeto sempre em queda [...] o objeto a introduz uma fissura no discurso, apontando sempre um lugar de falta, de buraco no texto, exatamente como propõe o discurso utópico (p. 34).

O importante aí é que a utopia não é completez... nem negação da castração. Pelo contrário! Sousa recorta do seminário 16 “De um Outro ao outro” uma reflexão de Lacan sobre a utopia. A questão de Lacan era “como dar forma ao que escapa ao pensamento” (p. 35). Para Lacan, “o pensar se debate entre a norma e sua transgressão”

(p. 35). E, afirma o autor, a força dos utopistas sempre foi “pensar contra” (p. 35). Para Lacan, “É lá que a função de pensamento pode tomar algum sentido ao introduzir a noção de liberdade” (p. 35). Seria então esse o *pensamento da utopia*. A utopia seria um lugar de lugar nenhum. Objeto a como pura falta movente do desejo. A falta passa a ser potência.

Um bom livro em psicanálise é sempre aquele que nos faz refletir sobre como teorizamos nossa clínica e nosso fazer. É o livro que irrompe em esquemas de pensamento desorganizando ao propor formas inusitadas de leitura de conceitos. É como se Sousa atualizasse a utopia como desconstrução. Para mim, a forma como o autor pensa a utopia e sua original leitura trouxeram importantes reflexões sobre como venho pensando o desejo a partir do documentário “De gravata e unha vermelha”, em meu contato com formas singulares de corpo e amor. Fiz críticas bastante contundentes a um certo lacanismo que pensa a “transsexualidade” como negação da falta ou como impossibilidade de simbolização. Pensar o desejo desviante como dificuldade de aceitar a castração parecia-me moralizante e redutor. A partir da leitura do livro de Sousa, pude pensar esses corpos como campos onde “a utopia” se faz presente, escancarando buscas poéticas. Pois poético é “transgressão que salva”, conforme diz Adorno citado por Sousa (p. 85). Minha admiração pelos personagens de meu filme aumentou. São pessoas que lutam para viver o desejo e o corpo de forma plena e, com isso, mostram sua rebeldia a formas pré-estabelecidas de viver a sexualidade. Vivem a utopia em seus corpos.

O livro *Furos no futuro* é construído também dando forma à utopia. A presença de Elida Tessler, doce companheira de Sousa, se faz sentir, nessa crença de que é possível construir um futuro digno. Sousa agradece a Elida e Manoel Ricardo de Lima, embora acentue o diálogo com vários artistas. Todos participam do livro-objeto “disruptor”, pois, coerente com o que propõe, é através da arte que se presentifica a vida. As imagens vão permeando os capítulos, reafirmando

que “a arte nos confronta com percursos na contramão” (p. 130).

O livro percorre romances, poesia, política, infinitamente. O autor vai transmitindo seu encantamento e nos envolve em seu rico repertório. É um “zanzar” infinitamente, como *a Galáxia* de Haroldo de Campos. Vejamos esse movimento no capítulo “Imagens perfuradas”, que escreveu com Tessler:

[...] Linhas são desenhadas a partir de espaços vivenciados. No ir e vir de conquistadores, rasuras e apagamentos tornam imprecisas algumas de nossas rotas. Tudo depende da hora, tudo depende de ir embora, como escreveu Haroldo de Campos em sua galáxia/odisseia, viagem sem bússola e sem leme, sem vírgula ou outras pontuações gramaticais (p. 129).

Esse capítulo do livro parece realmente ter como paradigma a proposta haroldiana de *começo-fim-começo*, como definida pelos autores. É uma contramão ao infinito. A “obra, como um mapa sem contornos definidos, fora de foco...” (p. 131). Em movimentos surpreendentes de repente é Artur Bispo do Rosário que surge. E “como tudo é uma questão de passagem”, é Amílcar de Castro que guia o mergulho nos bordados, mantos, painéis de canecos, colheres, botões do marinheiro internado na Colônia Juliano Moreira.

A linha não existe
mas quando feita
pela mão do homem
é desenho
obedece como um rio
conspirando com as margens
é pensamento pensando
e pensa e risca e divide
e desvela justiça entremeio
entumecendo espaços opostos:
mapa de um destino.³

Em seguida, poucas linhas depois, vertiginosamente, Bispo e Carlos Drummond de Andrade é que se aproximam (p. 133):

Ela se delinea
espantosa batalha
entre o ser inventado
e o mundo inventor.

Por fim terminam o minucioso trabalho em torno da obra de Bispo do Rosário contando-nos de uma visita ao Museu do Holocausto na Cidade do México, onde depararam com uma obra anônima, “que apresenta uma coleção de inscrições realizadas pelos prisioneiros do Campo de Concentração de Auschwitz” (p. 141). São 70.000 mortos escritos pelos sobreviventes. São *Nomes Pedra*, título da obra. Tessler e Sousa terminam falando da luta imensa que temos para fazer registro de todos os nomes esquecidos. A frase final desse texto é: “As obras deixadas pelos artistas reescrevem continuamente nossa história, perfurando-a” (p. 143).

A utopia, nesse empolgante livro, é muito mais “interdição do presente do que... promessa de um paraíso perdido” (p. 100). É radicalmente nova essa concepção do que é a utopia. E a arte é o que pode realizar essa utopia. “A transgressão da arte interrompe o fluxo dos circuitos automáticos, abrindo outros espaços de significantes que nos ajudem a desenhar outras geografias de mundo” (p. 107).

A utopia aposta em outras formas de vida.
A utopia é um sonhar para a frente.

Não pude deixar de lembrar-me de meu texto de 2012, “O cavaleiro medieval e a fuligem da cidade grande” no livro *Psicanálise em trabalho*⁴.

A utopia e a realização de desejos caminham juntas na possibilidade de transformar o mundo. Não é por acaso que, ainda em situações extremas de dor e objetualização, o homem sonha. O sonho parece ser aquilo que faz com que permaneça vivo, parece ser esse fio que nos liga à humanidade, esse narcisismo básico que nos leva à identificação com a cultura. Com aquilo que nos faz humanos (p. 40).

O sonho como forma de resistência viva já era uma questão. Passados dez anos, o livro de Sousa dá continuidade e aprofunda o que eu aí pensava. Quando escrevi esse texto eram tempos de Dilma, tempos de esperança. Hoje, unimo-nos na militância em oposição ao fascismo vigente.

Furos no futuro é de uma enorme coragem. Coragem tão necessária nos tempos que correm. Uma coragem onde a política se torna condição da vida. Nos tempos que vivemos, o sonho e a arte, sintetizados na proposta de uma utopia, são formas de resistência ao mortífero que vem governando nosso Brasil.

3 A. Castro, *Catálogo da Exposição Amílcar de Castro: diálogos*. Curadoria de Marcelo Ferraz, Porto Alegre, Santander Cultural, 2002, p. 184 *apud* Souza, p. 132.

4 L. Fuks, F.C. Ferraz, S.L. Alonso, *Psicanálise em trabalho*, São Paulo, Escuta/Sedes, 2012.